

VASCO LEITÃO DA CUNHA, "UM HOMEM DIREITO"

Rubem Braga

ROMA, novembro — De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Via aérea — Tinha do ministro Vasco Leitão da Cunha uma boa impressão, pelo que dele sabia no Brasil — e essa impressão foi confirmada em Roma. Sua maneira direta e franca de tratar as questões — maneira que testemunhei — indicam nele o que se chamava antigamente "um homem direito", expressão creio que hoje caida em desuso, não sei se por cansaço das palavras, se por malícia dos homens.

No velho Palácio Doria-Pamphili, na Piazza Navona, encontrei o pessoal de nossa representação diplomática muito atarefado. A vida desses homens em Roma não é muito desejável: trabalham muito e quando acabam de trabalhar a cidade está às escuras e quase todos os lugares abertos são exclusivos para militares. Um tenente brasileiro que foi jantar outro dia com o nosso embaixador me confidenciou que o jantar da Embaixada estava bem mais fraco que o do Hotel de La Ville, onde ficam os correspondentes de guerra: constava quase exclusivamente de um "minestrone". Naturalmente essa situação irá melhorando — pois o pessoal do Consulado de Nápoles parece ter um padrão mais estimável de vida. A propósito: já foram dadas ordens para ser aberto o Consulado em Livorno, que mais tarde se transferirá para Bolonha — quando o pessoal puder transpor os Apeninos e as fortificações alemãs que protegem Bolonha.

Procurado por um jornalista italiano, o ministro Vasco Leitão da Cunha respondeu a uma série de perguntas — e é essa entrevista que vou aproveitar aqui.

EMIGRAÇÃO DA ITÁLIA PARA O BRASIL

A primeira pergunta foi assim: "já houve algum entendimento entre o atual governo da Itália e as autoridades brasileiras para o reinício da imigração italiana para o Brasil?"

Resposta:

— "Numa de minhas primeiras entrevistas com o governo italiano tive ocasião de manifestar o quanto apreciamos o trabalho e a conduta dos imigrantes italianos no Brasil, e conversamos em termos gerais sobre uma eventual "reprise" da emigração italiana para o Brasil. As nossas autoridades consideram a imigração italiana como uma das melhores, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista étnico".

Respondendo a outra pergunta, disse o sr. ministro:

— "O Brasil tendo atualmente uma população mais ou menos igual à da Itália, tem mais de vinte vezes a sua superfície. A agricultura e a indústria brasileiras abrem, portanto, vastos e promissores horizontes ao trabalho dos emigrantes italianos. Assim, tanto lavradores quanto operários especializados nas indústrias nos devem interessar".

Resposta a outra pergunta:

— "O Brasil, como muitos outros países, foi obrigado pela situação anormal do mundo a adotar medidas restritivas provisórias. Quanto mais depressa se restabelecer a normalidade, mais depressa o Brasil acolherá, com a mesma simpatia de sempre, a imigração italiana. E, estou certo, assim sendo, os imigrantes encontrarão no Brasil as mesmas facilidades e garantias de que sempre gozaram. O Governo Federal e os dos Estados patrocinarão, sem dúvida, a imigração italiana, que encontrará zonas novas, duma riqueza mineral e vegetal sem par, mas até hoje inexplorada, onde homens resolutos e capazes começam agora a desenvolver e valorizar aquele Eldorado latente".

A pergunta seguinte versava sobre a época em que possivelmente poderá ser reencetada a emigração italiana. Resposta:

— "O esforço de guerra das Nações Unidas é tão ingente e tão primordial que não me parece possível encarar, sequer, um restabelecimento da corrente imigratória antes de restabelecida a paz, em vista da falta de transporte. Nas condições atuais, o que se deverá fazer é o seu estudo e planejamento".

O jornalista italiano quis saber se o Brasil já possui alguma organização administrativa para cuidar dos problemas da imigração.

— "Sem dúvida. Para aconselhar o governo da sua política imigratória criou o presidente Vargas, há já alguns anos, o Conselho de Imigração e Colonização, órgão federal que tem prestado muitos serviços. O Conselho de Imigração e Colonização orienta e superintende os serviços de colonização e de entrada, fixação e distribuição dos estrangeiros. Em estreita cooperação com o Conselho, há vários organismos burocráticos criados por lei e destinados a cuidar da hospedagem, distribuição e fixação dos estrangeiros nas diferentes zonas do país".

VIUGU

— O Brasil poderá cooperar no transporte dos imigrantes?
— “Isso depende, sobretudo, da capacidade da marinha mercante brasileira, que, embora a maior da America do Sul, perdeu muitas unidades durante a guerra e se acha sobrecarregada, quer nos serviços de cabotagem, quer na navegação internacional.

EXPORTAÇÃO E PROBLEMAS DE CIDADANIA

— Que produtos poderá o Brasil exportar para a Italia e quais os que dela poderá importar?

— “Além do café e do açúcar, quer-me parecer que poderemos fornecer algodão, materias primas para as industrias italianas que se salvarem da catastrophe, oleos, ceras e fibras vegetais, borracha, tabaco, cacau, carne e conservas. Quanto ao que poderemos importar da Italia, depende, é claro, do estado em que se achar a produção italiana, ao fim de guerra. Em todo caso, a lista dos principais produtos importados daqui, antes da guerra, dará uma idéia do que talvez se possa ainda importar: seda, vegetal e animal, azeite de oliveira, vinho, canhamo, enxofre, teares, fios de lã para tecer, marmore, alabastro, porfiro, maquina industrial e accessorios, etc.”

A ultima pergunta, sobre a concessão de cidadania brasileira aos estrangeiros no Brasil, respondeu o sr. ministro:

— “O Brasil concede a cidadania brasileira aos estrangeiros mediante a naturalização. A concessão da naturalização é possível, de modo geral, ao estrangeiro após dez anos de residencia no Brasil. Esse prazo, porém, pode ser reduzido em favor dos estrangeiros que tiverem filhos brasileiros; dos casados com brasileiras; dos filhos de brasileiros natos ou naturalizados; dos proprietarios de bens imoveis no Brasil; dos cientistas, artistas ou técnicos notaveis; dos que prestarem relevantes servicos ao Brasil.

O cidadão brasileiro naturalizado goza de todos os direitos civis e politicos concedidos ao brasileiro nato, salvo as exceções estabelecidas expressamente pela Constituição da Republica ou pelas leis federais”.

EIS O IMPERIO QUE MUSSOLINI CONSTRUIU

Essas foram as declarações do sr. Vasco Leitão da Cunha. O assunto que elas versam é de particular importancia para a Italia neste momento. O numero de desempregados aqui não é pequeno: toda a economia italiana está desorganizada, e não se organizará do dia para a noite. Caso sejam concedidas reais facilidades á imigração de operarios e técnicos industriais, creio que o numero de italianos dessa categoria a querer ir para o Brasil será grande. A guerra destruiu e está destruindo quase toda a industria italiana. Noticias vindas da zona ocupada alemã, trazidas pelos “partigiani” que cruzam as linhas, dizem que os alemães estão transferindo para a Alemanha fabricas italianas inteiras. Primeiro a fabrica é cercada, e todos os que nela estão trabalhando são presos e levados para a Alemanha; depois o maquinario é transportado. E lá, dentro do Reich, a fabrica italiana é novamente montada e volta a funcionar como antes, com os trabalhadores reduzidos á escravidão — cada um devendo ocupar, no trabalho, o posto que ocupava antes.

Quando não podem fazer isso, os alemães dinamitam as fabricas — e quando os alemães não o fazem os bombardeios aereos e da artilharia aliada arrebentam tudo. São raras, portanto, as industrias que sobrarão no Norte da Italia quando ele fôr libertado.

Creio que uma politica sabia do governo brasileiro — que bem poderia enviar para aqui, logo ao acabar a guerra, uma comissão de técnicos especialmente encarregados disso — faria com que um bom numero de trabalhadores altamente qualificados afluísse para a industria brasileira, levando a cultura e a experiencia da industria italiana, que em alguns ramos é notavel.

O numero de pessoas que deseja ir para o Brasil é grande. De vez em quando um lavrador ou um operario com quem converso me diz isso, e fala do Brasil como de um sonho. O que não é nenhuma vantagem — pois para um povo nas condições de vida em que está o italiano hoje, qualquer país não devastado pela guerra é um Eldorado.

Ai vão alguns dados do mercado negro de Roma, para consolo dos brasileiros que se queixam do preço das coisas: pão, 100 liras o quilo; sal — 200; açúcar, 700; manteiga, 800; carne — 400; ovos, 34 liras cada um. A lira está a 200 réis. Eis o Imperio que Mussolini construiu para a Italia...

20/1/45

112